

## CONCEPÇÃO MODERNA DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

### META

Nesta aula, minha intenção é explicar a formação da concepção moderna de infância e suas implicações para a instituição do modelo escolar de educação.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

explicar o processo histórico que determinou a formação da concepção moderna de infância;

caracterizar a concepção moderna de infância;

determinar a influência sobre a escola do predomínio da concepção moderna de infância.

### PRÉ-REQUISITO

Para compreender esta aula, você precisará ter conhecimento das duas aulas anteriores.



Infância feliz (imagem de uma criança num balanço) (Fonte: <http://www.aleac.ac.gov.br>).

### INTRODUÇÃO

Então, companheiro(a)!

Estamos novamente precisando nos situar no início dos tempos modernos! Depois de lhe apresentar as origens da escola e da mídia modernas, agora vou comentar sobre a concepção de infância que se formou nestes tempos da modernidade. Bem, em termos de estudos históricos, quem inaugurou a pesquisa sobre a criança foi o historiador francês, **Philippe Ariès** (1914-1984) que, em 1962, lançou o livro “História Social da Criança e da Família”. A obra causou uma grande repercussão e ainda hoje é referência sobre o assunto. Com base nesta obra de Áries, algumas pessoas afirmam, de maneira controvertida, que criança sempre existiu mas, a infância foi uma invenção da Europa Ocidental no início dos tempos modernos.

O mérito de Philippe Ariès foi transformar a criança em objeto de investigação historiográfica. Suas conclusões, porém, passaram a ser contestadas por outros historiadores. No entanto, além de se estudar o lugar e o papel da criança na História, mais importante é procurar dar voz a esse membro da sociedade tão explorado e pouco ouvido. Tarefa difícil, uma vez que as crianças raramente têm a oportunidade de expressar seus interesses. Nesta aula, vou mostrar para você como ocorreu a formação da concepção de infância com a qual estamos acostumados a enxergar as crianças.



**Philippe Ariès**

Importante historiador e medie-valista da família e infância. Ariès escreveu vários livros sobre a vida diária comum.



Capa do livro *História social da criança e da família*, 1981 (Fonte: <http://www.comciencia.br>).

## O PERÍODO MEDIEVAL

Utilizando como fonte principal a iconografia medieval, Philippe Ariès escreveu uma obra sobre a criança na qual a principal tese defendida foi que, durante o período medieval, pelo menos até o século XII, a arte não retratou a criança; demonstrando com isso que, naqueles tempos, não havia consciência da existência da infância, como uma fase separada da existência humana, com características especiais. A concepção que predominava era a de um adulto em miniatura.

É com estas palavras que Ariès (1981, p. 156) defende seu argumento:

Na sociedade medieval, (...) o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia.

Porém, historiadores posteriormente têm demonstrado que a concentração medieval em temas religiosos determinou a exclusão, nos temas tratados pelos artistas, de quase toda a vida secular, não se constituindo, portanto, a falta do tema infantil em “ausência significativa”.

Por outro lado, se tomarmos em consideração o fato, somente recentemente reconhecido, de que a infância não é um dado natural, mas sim uma construção histórico-social, e que cada sociedade, em diferentes momentos, engendra sua própria concepção de infância, abre-se a porta para uma crítica fundamentada à tese de Philippe Ariès.

Inicialmente, veja quais foram os antecedentes medievais para a constituição de sua concepção de infância: Primeiro, podemos mencionar os costumes romanos. Não era nada propícia a forma como as crianças eram tratadas entre os romanos: ao nascer, a criança estava sujeita à vontade absoluta do pai. Se ele não aceitasse o filho ou a filha, a criança rejeitada, na sua maioria, era abandonada à morte. Segundo, temos o ancestral bárbaro germânico. Apesar de não praticarem o infanticídio, os germânicos não reservavam cuidados especiais para com as crianças e seu destino também dependia da vontade paterna. Em terceiro lugar, operou a influência cristã sobre a concepção medieval de infância. Nesta sim, a criança foi minimamente valorizada, seguindo o exemplo dos textos do Novo Testamento que apresentam Jesus de Nazaré acolhendo e tomando o comportamento das crianças como ideal para os pretendentes ao Reino.

Assim, não se poderia esperar da sociedade medieval um grande desenvolvimento no trato com a criança. Apesar disso, os historiadores encontraram documentação que demonstra a existência de códigos jurídicos onde se preceitua o trato diferenciado para com pessoas com menos

de 15 (quinze) anos. Além disso, no seio dos mosteiros, as crianças, chamadas de “oblatos”, que eram dedicadas desde cedo à vida religiosa recebiam um tratamento diferenciado em função de sua pouca idade.

Assim, a conclusão dos historiadores é que no período medieval havia sim alguma consciência de uma espécie de “infância”, mas sua concepção era bastante diferente da que temos hoje.

De um modo geral, até o início dos tempos modernos, predominavam os métodos informais de socialização dentro da família e da comunidade local. As crianças aprendiam a arte de viver informalmente entre os adultos. Aos filhos dos nobres, a quem estava reservado o ofício das armas, cabia o serviço a um mestre cavaleiro. As filhas da aristocracia eram entregues aos cuidados de preceptoras que lhes ensinavam boas maneiras e o papel de esposas.



Governanta e alunos, cerca 1880 (Fonte: Mary Evans Picture Library).

Aquelas crianças que estavam nos estratos inferiores da escala social se tornavam aprendizes de ofício e passavam a conviver com os mestres artesãos em suas casas. Outros, tornavam-se serviçais em casas ou plantações de pequenos agricultores. Este sistema informal de educação caracterizava-se pela liberdade das crianças para se misturar com os adultos, estimulando o exercício menos solitário das aptidões individuais e podia se adaptar a diferentes carreiras profissionais. A grande desvantagem deste sistema medieval de educação informal era o conservadorismo inerente: tudo se fazia no sentido de reproduzir a ordem reinante.

Perceba, então, que a sociedade da Europa Ocidental, no início dos tempos modernos, não trabalhou num vazio, ao ter que definir sua forma de encarar a criança. A realidade é que as transformações ocorridas entre os séculos XV e XVII operaram uma transformação radical na forma de se conceber a infância e, conseqüentemente, na maneira em que se processava a educação.

Não podemos esquecer que esse tempo, sendo um período de transição, vai comungar ainda de várias características do próprio pensamento cristão medieval. Ora, o cristianismo é ambíguo em sua concepção de infância. Apesar do testemunho favorável dos evangelhos, a concepção de homem que a religião da cruz sustenta é pessimista, uma vez que convive com a idéia do pecado original. Assim, segundo o pensamento cristão, a natureza humana é má, precisando ser restaurada. Isso determina uma postura em relação à infância bastante repressora.

## CONCEPÇÃO MODERNA DE INFÂNCIA

Mas, afinal que fatores vão determinar o surgimento de uma nova concepção de infância? Bem, como vimos na aula anterior a própria revolução da prensa gráfica, a partir de meados do século XV, vai determinar a constituição de uma distância, afastamento, entre o mundo adulto e o universo da criança. Criou-se um novo universo simbólico, a chamada cultura das publicações, regido por um código que precisa ser aprendido para poder ser decifrado e, assim, o indivíduo poder desvendá-lo. A criança não podia mais naturalmente penetrar no mundo e no conhecimento adultos. Foi preciso inventar uma instituição que preparasse a criança para, por meio da alfabetização, decifrar o universo adulto.

No entanto, a contribuição definitiva para a mudança moderna na concepção de infância veio do campo religioso. Da parte do catolicismo, a partir da inclusão da criança numa perspectiva espiritual, exaltando a dimensão mística da criança e propagando a devoção ao menino Jesus, a partir de meados do século XVI. Por sua vez, a Reforma Protestante trouxe a idéia de disciplina e controle moral para com as crianças. Além disso, o crescimento do interesse pela educação vai completar uma mudança cultural que determinará uma alteração progressiva na concepção de infância.



Virgem com o Menino e São João Batista criança, 1490 / 1500 (Fonte: MASP).

### LIVROS INFANTIS



**Charles Perrault**

Escritor e estadista francês, mais conhecido por seus “contos de fadas”, que incluem muitos clássicos como Cinderela e Chapeu-zinho Vermelho.

Até o século XVIII, não existia uma literatura infantil propriamente dita, ou seja, livros produzidos para “dar prazer às crianças” por meio de sua leitura. Usavam-se livros apenas para ensinar as crianças ou para transmitir a religião. Desde cedo, lia-se a Bíblia ou a vida dos santos católicos. Assim, muitas crianças alfabetizadas descobriam-se lendo as brochuras de contos populares produzidas para os adultos. A primeira iniciativa bem sucedida para produzir livros atrativos para as crianças costuma ser atribuída ao francês **Charles Perrault** (1628-1703), considerado o pai da literatura infantil. Em 1697, lançou uma coletânea de contos que immortalizou histórias tais como “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “Barba Azul”, “Cinderela” e “O Pequeno Polegar”.

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, no início do século XIX, deram continuidade ao trabalho de Perrault de colher histórias populares antigas e transformá-las em contos infantis. Em 1812 lançaram a obra “Contos de Fada para o lar e as crianças”, que alcançou 50 edições com os autores ainda vivos, chegando a reunir 181 contos para a leitura das crianças.

Outro grande autor de literatura infantil foi o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), que escreveu contos famosos como “O patinho feio”, “O soldadinho de chumbo”, “A roupa nova do Rei”, “A pequena sereia” e “João e Maria”.

Mas, outros importantes fatores cooperaram de longa data para a transformação na concepção de infância. Mudanças no campo e o crescimento das cidades alteraram a estrutura familiar. Segundo Philippe Ariès, as mães e amas de crianças da classe média passaram a tratar as crianças como fonte de prazer devido à sua doçura e gracejos. Por outro lado também, um grupo de advogados, padres e moralistas reconheceram a inocência e fragilidade das crianças.

Em função destes dois grupos de pessoas, Ariès identifica “dois sentimentos da infância”. O primeiro, a paparicação, oriundo do meio familiar e o segundo, a exasperação, surgido entre os moralistas e educadores do século XVII, que não admitiam o mimo reservado às crianças e se voltavam a elas com um interesse psicológico e moral. Philippe Ariès reconhece que toda a educação se inspirou nesse segundo sentimento até o século XX. A criança deixou de ser vista como um “brinquedo encantador” e veio a ser percebida como um ser que precisava ser preservado e disciplinado.

Esta foi a função que assumiu a escola moderna: “um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos.” Ariès (1981, p. 165).

Efetivamente aliada a esta evolução na concepção de infância, aconteceu uma evolução da escola moderna. Uma primeira consequência foi que não se admitia mais a mistura das idades nas atividades escolares. Se antes se organizavam as classes escolares com base na capacidade dos indivíduos, independentemente de suas idades, com o passar do tempo o critério principal para a formação das classes passou a ser o da idade.

Estas novas idéias e práticas chegaram rapidamente à América portuguesa. Foi fácil importar para os trópicos a concepção moderna de infância. Ora, o modelo escolar moderno e a prensa gráfica não se prestavam a uma manipulação tão fácil. Mas, a mentalidade jesuítica absorveu com facilidade o “modelo ideológico da criança-Jesus”. A Companhia de Jesus, principal responsável pela transmissão da cultura na colônia, escolheu então o “curumim”, a criança nativa, como sujeito preferencial de suas ações.

Os indiozinhos eram vistos como inocentes, o papel em branco sobre o qual era possível escrever a mensagem do evangelho. “A infância é percebida como momento oportuno para a catequese porque é também momento de unção, iluminação e revelação. Mais além, é o momento visceral de renúncia da cultura autóctone das crianças indígenas, uma vez que certas práticas e valores ainda não se tinham sedimentado.” Priore (1996, p. 15). Assim, o objetivo principal era a aculturação do curumim, a substituição de sua identidade indígena por uma identidade de cristão.

Aconteceu uma verdadeira idealização dos “meninos”, filhos dos índios, nos primórdios da colonização. Os jesuítas identificavam a criança com o anjo católico. Para amenizar as reações ao alto índice de mortalidade infantil entre os indígenas, a morte das crianças “era recebida quase com alegria”, sem horror. Daí subsistir ainda hoje a idéia de que morre uma criança, se faz o “enterro de anjo”, contrastando com a tristeza do enterro dos adultos. Freyre (2000, p. 201).

Gilberto Freyre ressaltou o importante papel histórico desempenhado na América portuguesa pelas crianças. Foi a partir “do menino” que o contato entre as duas culturas, a européia e a indígena, pôde se realizar com maior facilidade: “quer como veículo civilizador do missionário católico junto ao gentio, quer como o conduto por onde preciosa parte de cultura aborígene escorreu das tabas para as ‘missões’ e daí para a vida, em geral, da gente colonizadora. Para as próprias casas-grandes patriarcais.” Freyre (2000, p. 197).

### OS PRIMEIROS MODELOS IDEOLÓGICOS SOBRE A CRIANÇA

Na Europa do século XVI, fabricaram-se os “primeiros modelos ideológicos sobre a criança”. “A Igreja Católica, nesse período, responsabilizava-se particularmente pela disseminação de duas imagens que embora desvinculadas da vida das crianças comuns da época, ajudaram a alterar a maneira com a qual os adultos as ‘pensavam’ e acompanhavam seus passos.

Difundiam-se então duas representações infantis: a da criança mística e a da criança que imita Jesus. Exaltando aquelas cuja fé as ajudava a suportar a dor e a agonia física, os pequenos místicos chamavam atenção para as qualidades individuais da criança. Constituiu-se, assim, o mito da criança-santa. Por outro lado, fabricava-se obstinadamente, na metade do século XVI, a devoção ao menino Jesus, (...)

As características humanas – o olhar, o perfume e os gestos – dessa criança divinizada, somadas a sua doçura, inocência e afabilidade, tocariam a todos que a cercassem. Assim fora na manjedoura: infiéis e pagãos convertiam-se ante a dulcíssima visão do pequeno e luminoso Jesus.” Priore (1996, p. 11 e 12).



**John Locke**  
(1632 - 1704)

É um filósofo inglês que é considerado o principal representante do empirismo britânico um dos principais teóricos do contrato social.

No século XVIII, a nova concepção de infância será justificada com base nas idéias de **John Locke** e Jean Jacques-Rousseau. O primeiro, com seus escritos, difundiu pela Europa a visão da criança como *tábula rasa*, contribuindo assim para minimizar os efeitos da idéia cristã do “pecado original” e valorizando a educação como capaz de moldar o indivíduo. Bem, você já viu na aula 2 a importância de Jean-Jacques Rousseau para a educação moderna. Ele foi o maior defensor da consideração da infância como uma fase peculiar e quem justificou a necessidade de isolamento da criança do mundo adulto: o homem (a criança) é naturalmente bom, a sociedade é que o corrompe.

As palavras que Rousseau escreveu na novela pedagógica “Emílio ou Da Educação”, publicada em 1762, mostram sua defesa de uma nova compreensão da infância:

“Não se conhece a infância; no caminho das falsas idéias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem.” Rousseau (1999, p. 4).

ATIVIDADES

A partir das duas imagens abaixo, faça uma redação, analisando a evolução da escola ao longo da Idade Moderna:



Cena a partir de uma escola holandesa por volta de 1610 (Fonte: Mary Evans Picture Library)



Garotas ensinadas por uma professora. Cerca de 1850 (Fonte: Mary Evans Picture Library)

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As duas imagens representam posturas em relação à infância em momentos históricos diferentes. Seu desafio é fazer uma leitura das imagens de modo a extrair características distintas da educação praticada em cada um dos períodos sugeridos, explicando o porquê das mudanças percebidas.

Veja que já lhe mostrei como os mais diversos fatores, desde uma inovação técnica, aspectos socioeconômicos, culturais e ideológicos trabalharam conjuntamente para o desenvolvimento da noção moderna de infância.

Mas, lembre-se que na mesma época em que Jean-Jacques Rousseau defendia de forma tão veemente uma compreensão renovada da infância e um tratamento especial às crianças, iniciou-se a Revolução Industrial. Veio, então, o problema da exploração das crianças pobres a partir do trabalho nas fábricas.



Meninos trabalhando em fábrica de algodão, Carolina do Sul, 1900. (Fonte: Mary Evans Picture Library).

“Apesar das imagens horripilantes que ocupam os livros escolares, grande parte do trabalho feito por crianças no passado era casual e de poucas demandas. Elas se deslocavam gradualmente para a força de trabalho, desempenhando uma série de pequenas tarefas que iam se modificando segundo seu tamanho e experiência. (...)

A hostilidade para com o trabalho infantil é um fenômeno relativamente recente. Durante o período moderno, a maioria das famílias buscava trabalho para seus filhos como uma questão de rotina.

Na verdade, as autoridades estavam mais preocupadas com os pecados da ‘indolência e do ócio’ entre os jovens do que com o trabalho em excesso. Foram o século XIX e o início do século XX que trouxeram transformações profundas no papel das crianças como trabalhadores. Na Europa, assim como na América, a legislação sobre o trabalho infantil e a educação compulsória garantiu que as crianças dependessem de seus pais e, até certo ponto, estivessem protegidas do mundo dos adultos”. Heywood, (2004, pp. 161 e 163).

Perceba que a infância, como uma fase de cuidados especiais com a criança, separada do mundo adulto, longe do trabalho e confiada às escolas, para as classes privilegiadas chegou primeiro.

Durante o século XIX, lutou-se contra o trabalho infantil, para que todas as crianças freqüentassem a escola e por uma legislação que protegesse as crianças da exploração dos adultos. Defendia-se a tese de que a criança era economicamente “sem valor”, mas emocionalmente “inestimável”.



Trabalho Infantil, 1867 (Fonte: Mary Evans Picture Library)

Obviamente, quando se iniciou o século XX, a luta dos reformadores sociais na Europa Ocidental tinha surtido efeito e, defendendo-se a tese de que os jovens corporificavam o futuro da sociedade, já se contabilizavam alguns avanços significativos na condição das crianças e adolescentes: diminuição das taxas de mortalidade infantil, aumento da altura média dos jovens, maior taxa de alfabetização e de freqüência à escola.

Nessa época, o Estado moderno já havia assumido diversas funções sociais que influenciariam para melhor na vida das crianças e adolescentes: desde as políticas de saúde pública até a preocupação com um ambiente escolar sadio. A escola passou a substituir o trabalho como principal ocupação para as crianças, reforçando a necessidade de os Estados constituírem seus sistemas públicos de educação.

### CONCLUSÃO

Os três grandes processos históricos que apresentei até agora para você, neste curso de História da Educação, vão repercutir na América portuguesa em épocas diferentes e de forma diversa do que ocorreu na Europa Ocidental. Assim, o modelo de escola moderna, que lhe foi apresentado na aula 2, foi introduzido no Brasil parcialmente pelos jesuítas. Por exemplo, eles admitiam a introdução de algumas técnicas educacionais específicas mas, não permitiram que a Ciência se tornasse a instância determinante dos conteúdos e métodos.

Os jesuítas também se deixaram influenciar pela nova concepção de infância que passou a predominar na Europa e para cá trouxeram idéias e práticas inspiradas nessa nova visão de homem. Porém, a prensa gráfica só chegou ao nosso território com a vinda da Família Real portuguesa, em 1808.

Assim, os temas e conceitos que você absorveu até agora tinham como objetivo instrumentalizá-lo(a) para compreender melhor o difícil e lento processo de formação cultural e educacional do povo brasileiro e perceber como, em alguns aspectos, nosso atraso em relação aos países colonizadores é secular.

Por outro lado, podemos dizer que com esta aula completamos um quadro amplo das características da escola moderna. No entanto, a educação escolar vai penetrar muito lentamente no Brasil, de tal forma que alguns dos aspectos centrais da educação moderna, como a própria organização das classes escolares, só serão implementados em nosso país muito tardiamente.



### RESUMO

Nesta aula, você conheceu mais um importante processo histórico que se tornou elemento central da modernidade educacional: uma nova concepção de infância. Fiz um pequeno debate sobre a obra seminal de Philippe Ariès e mostrei como as concepções religiosas sobre a criança, a invenção da prensa gráfica, as mudanças econômico-sociais e político-culturais, no período que vai do século XVI ao XVIII, cooperaram conjuntamente para a consolidação desta concepção moderna de infância. A partir daí você viu como paralelamente a escola repercutiu estas transformações na maneira de tratar as crianças. Ora, a escola nunca deixou de reproduzir as diferenças sociais: Assim, a infância chegou mais cedo para as classes privilegiadas. A realidade do trabalho infantil sempre desafiou as classes pobres e exigiu uma tremenda luta dos reformadores sociais. Porém, o Estado Moderno, também acossado pelas novas idéias sobre a infância, iniciou várias políticas públicas que resultaram na melhoria das condições de vida das crianças no início do século XX.

## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vou explicar para você como ocorriam os processos de transmissão cultural e formação educacional na América portuguesa.



## AUTO-AVALIAÇÃO

Refleta assim: fiz uma leitura satisfatória do texto, a ponto de dizer que os objetivos propostos pelo professor-autor foram por mim alcançados? Pense também se houve, da sua parte, dedicação para cumprir a contento com as tarefas propostas. Em suma, responda em seu íntimo: sou capaz de relacionar as características peculiares da concepção moderna de infância? Sei apresentar os principais fatos históricos que contribuíram para a formação de uma nova concepção de infância durante os tempos modernos? Sei mostrar como a concepção moderna de infância influenciou na estruturação da escola moderna?



## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro RJ: LTC, 1981.
- BACHA, M. S. C. N. Escola Moderna, purgatório das paixões. In: **Revista Percorso de Psicanálise**; p. 43-48. Disponível em: < <http://www.uol.com.br>>. Acesso em 01/01/1999.
- COSTA, Ricardo da. **A educação infantil na Idade Média**. Disponível em < <http://www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm>.> Acesso em: 16 Dez. 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala**. 39 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Literatura Infantil**. Disponível em <<http://www.graudez.com.br/litinf/index.htm>> Acesso em 21 Dez. 2008.
- PRIORE, Mary Del. **História da criança no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores), 1983.